

Ferenczi no nosso tempo

Oswaldo Luís Barison¹, São José do Rio Preto.

Resumo: o artigo visa a reavivar a importância de Ferenczi para a prática psicanalítica, em especial para o que se denomina de contemporaneidade. Fazem-se hipóteses sobre o ostracismo a que Ferenczi foi submetido, no decorrer da história do movimento psicanalítico, bem como de seu atual renascimento. Situa-se a contribuição do autor como viabilizador do surgimento das “escolas” de psicanálise, bem como um pensamento que promove a síntese destas escolas, através da atitude analítica de cada um dos psicanalistas. Faz-se levantamento de como parece trabalhar um analista na atualidade, recuperando os embasamentos que remontam às formulações de Ferenczi.

Palavras-chave: Ferenczi; técnica analítica; história da psicanálise; contemporaneidade.

É impossível imaginar que a história de nossa ciência algum dia venha a esquecê-lo. (Freud, 1933/1996, p. 225)

Um clínico curioso

A personalidade e a obra de Sándor Ferenczi têm despertado na atualidade grande curiosidade e debates. Neste artigo visa-se a compartilhar algumas ideias e reavivar a importância dele para a história do movimento psicanalítico, pois se trata de uma personalidade

¹ Psicanalista. Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), e membro efetivo com funções didáticas do Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto).

e uma obra instigante e de grande valor para o trabalho clínico.

Mesmo o leitor que não tenha nenhum conhecimento prévio das ideias de Ferenczi poderá compartilhar do caminho feito aqui, pois, caso seja um psicanalista que trabalha consultando pessoas, que tenha a sensação de que seus pacientes se beneficiam do trabalho que realizam; que tem algum nível de prazer em trabalhar, além de sucesso financeiro, social e respeito entre seus colegas, pode não saber, mas é muito influenciado por Ferenczi.

Contudo, pouco se comentava sobre ele e muito menos sua obra era estudada. Observa-se que muitos autores atuais – que estão “na moda” – utilizam-se de diversas ideias que estão contidas, explícita ou implicitamente, na obra de Ferenczi, e isto é intrigante.

De forma não específica, há uma imagem feita de forma leiga sobre Ferenczi que diz ser ele um rebelde, transgressor e enlouquecido, sendo que só não o expulsaram do movimento psicanalítico pela interferência da amizade com Freud. Em sua defesa, atribuíam seu distanciamento do *mainstream* a ataques pessoais e transferenciais por parte de Ernest Jones e do *establishment* da instituição psicanalítica.

Desde o início da psicanálise, Freud havia se afastado da explicação sobre a determinação da instalação da neurose como sendo causada pela realidade e pelo trauma, assinalando a importância da fantasia. Na fase final da produção teórica de Ferenczi, ele retoma a noção de trauma e do objeto externo, atribuindo a eles um fator etiológico em certo tipo de adoecimento psíquico, ao mesmo tempo em que fazia veladas críticas ao descompromisso com os pacientes que parte dos analistas começava a demonstrar.

A expulsão do movimento psicanalítico teria sido o caminho natural. E realmente foi cogitado. No entanto, Freud tinha forte apreço por ele e também, conjectura-se, queria evitar o desgaste que já havia experimentado quando da ruptura com Jung e Adler, principalmente. Assim, parece ter havido algo tal qual a uma “formação de compromisso” em que não o expulsaram, mas diminuíram a sua

importância, relegando-o a certo ostracismo. Talvez até a insinuação de Jones (1957/1989) de que Ferenczi havia desenvolvido uma psicose pudesse dar o alibi de que suas ideias finais eram frutos de uma mente perturbada e que deveria ser desconsiderada.

Independentemente das contribuições tardias de Ferenczi, o que se está de acordo é que o seu grande mérito foi ter experimentado mudanças técnicas ao modelo da “análise clássica” formulado por Freud, sistematizado pelo “comitê secreto” e difundido no início da psicanálise, inclusive pelo próprio Ferenczi. Contudo, é importante destacar que todas as modificações propostas por ele foram sustentadas teoricamente e disponibilizadas para o debate.

Destaca-se que Freud (1912/2010), ao redigir “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise”, registra:

devo enfatizar que essa técnica revelou-se a única adequada para a minha individualidade. Não me atrevo a contestar que uma personalidade médica de outra constituição seja levada a preferir uma outra atitude ante os pacientes e a tarefa a ser cumprida. (p. 148)

Ferenczi respeitava suas características pessoais e as necessidades de seus pacientes, tanto é que em carta de 22 de novembro de 1908, dirigida a Freud, diz: “Continuo assumindo demais o problema do doente como problema meu” (Freud & Ferenczi, 1994, p. 85). Esta característica dele moldava sua presença junto aos pacientes e determinava uma visão específica de psicanálise, e que, em 1928, seria teorizado como “tato psicológico” do analista.

As gerações de analistas que se seguiram ao trabalho dos pioneiros foram marcadas por inserção no que se denomina “escolas”. O chamado “período das escolas” guarda certa similitude, na história da filosofia, com o que se convencionou por “escolástica”. Ou seja, diversos comentadores tentavam decifrar, ampliar e divulgar conhecimentos formulados por teóricos que conseguiram construir

uma obra que se assemelha a um sistema. *É assim que*, na filosofia, podemos falar de escola socrática, platônica, aristotélica, helenista, jônica etc. Também em psicanálise falamos em escola freudiana, kleiniana, lacaniana, winnicottiana, de análise do ego, etc., sendo que elas propunham um tipo de “analista standard”, compatível com os ensinamentos de um “mestre” e com um modelo *a priori*. Contudo, não se ouve falar em “escola ferencziana”, nem de “analista ferencziano”. E isso não deve ser associado com demérito a ele ou ao conhecimento que adquiriu e legou. Pelo contrário, ao propor alternativas técnicas ao modelo preestabelecido, gera exatamente aí a sua grande contribuição.

O novo paradigma que Ferenczi inaugurou, em verdade, não é no sentido de padronização de dada “escola”. Ao contrário, pela participação dele no movimento psicanalítico, modificando aspectos dos preceitos freudianos e questionando a instituição de formação e científica, *é que se possibilitou* a divergência, gerando o surgimento das escolas. Portanto, ao invés de se enquadrar e enquadrar as demandas diferentes que recebia na atividade clínica, o *enfant terrible* (como era chamado e, exatamente por ser assim) optou por adaptar a técnica segundo percepção da própria atividade prática.

Ele questionou certos padrões, conceitos e procedimentos que, a duras penas, estavam sendo implantados pela *International Psychoanalytical Association* e conseguiu ser ouvido sem que resultasse em ruptura, tal qual havia acontecido no passado. Atitude assim deve ter incentivado autores posteriores a também proporem teorias que divergiam dos cânones.

Em termos históricos e teóricos, por estar anterior ao período das “escolas”, atitudes, tal qual a que ele expressou, serviram de sustentação para que elas surgissem, divergissem, ampliassem e superassem as formulações iniciais de Freud. Ao mesmo tempo, em função da recuperação de seu legado, ele está posterior ao período das escolas, colocando-se assim na atualidade, proporcionando um

momento de síntese do pensamento psicanalítico.

Ao adaptar os preceitos técnicos standard à própria personalidade, culminou por abrir caminho para que todo analista pudesse reconhecer-se como único; bem como único também todo trabalho analítico. Na atualidade, superado o período das escolas, os analistas podem se inspirar em Ferenczi, a fim de serem si próprios, pois fazem de forma corriqueira muitas inovações que ele experimentou fazer em sua época. Em sendo assim, Ferenczi não necessita de seguidores, mas de interlocutores.

Ferenczi pagou preço alto por ter ousado, e muitas vezes teve de rever suas posições. Em suas inovações técnicas, existiram exageros os quais ele mesmo reconheceu e corrigiu a rota. Vide a sequência: “A técnica psicanalítica” (1918/2011); “Prolongamentos da técnica ativa em psicanálise” (1920/2011); “Perspectivas da psicanálise” (1923/2011); “Contraindicações da técnica ativa” (1926/2011a); “Crítica do livro de Rank: Técnica da psicanálise” (1926/2011b); “Elasticidade da técnica psicanalítica” (1928/2011a); “Princípios de relaxamento e neocatarse” (1930/2011); entre outros.

Com tremenda honestidade de propósitos, ele colhia as críticas que recebia e também fazia a autocrítica das proposições. O que se percebe é um analista muito disposto a encontrar maneiras de melhorar a técnica, tornando-a mais ampla, rápida, eficaz, abrangendo maior número de casos e sem tanto sofrimento.

Observando o surgimento da psicanálise, percebemos que todo o período de fundação e seu estabelecimento foi marcado por ataques externos feitos por outras ciências, tanto quanto por dificuldades internas em se estabelecer claramente o seu campo, objeto e terapêutica. Não é difícil imaginar o clima de controle e opressão ao pensamento criativo. Qualquer proposição que estivesse discordante do já estabelecido poderia ser vista como dissidência, levando ao abandono das ideias ou até à expulsão do movimento psicanalítico, fato ocorrido com vários teóricos. Por outro lado, é

passível de se supor que muito do que o analista deveras fazia em sua prática clínica não podia ser publicado com receios de se colocar divergente do estabelecido. Assim, as sociedades e institutos serviam em grande parte como uma força repressora.

É possível entender a responsabilidade dos colegas que detiveram o poder institucional em preservar a psicanálise dos ataques e dos desvios que poderiam desfigurá-la. Contudo, deve-se admitir que muito conhecimento permaneceu escondido pelo temor de exposição e consequentes punições que tais façanhas acarretariam.

Talvez na atualidade o clima de respeito e de tolerância entre as várias escolas, o acolhimento e a divulgação de casos não neuróticos, de forte característica narcísica em várias nuances, trazem para o debate diversas modulações técnicas e, de modo produtivo, consequentes amplificações de natureza teórica. Esta característica da contemporaneidade talvez dificulte entender o que deveras ocorria no período de construção do corpo teórico e da solidificação da instituição como propositora de normas para o fazer psicanalítico.

O analista contemporâneo em conexão com o pensamento de Ferenczi

A psicanálise nasceu em um período histórico que deixou marcas em sua fundação, sendo ela própria produto das ideias da chamada “modernidade”. Passado um século de sua descoberta e fundação, temos a modernidade sujeita a várias críticas e superações. Praticar a clínica psicanalítica atualmente também carrega o peso do atual momento histórico – chamado de pós-modernidade – em que *várias ciências superam o modelo moderno* e positivista. A psicanálise também tem se beneficiado desta *síntese no pensamento científico, podendo* sustentar a prática clínica dos psicanalistas em sintonia com o saber teórico da contemporaneidade.

É assim que, partindo do que se depreende das ideias de Ferenczi e do avanço no acúmulo da prática clínica, é possível

descrever como parece trabalhar um psicanalista nos tempos atuais. Visa-se a descrever um analista “ideal”, porém já existente. Não se propõe um panfleto ou um programa de como deveria ser. Qualquer proposta doutrinária seria incoerente e incompatível com a evolução já alcançada.

São ideias recolhidas em diversos autores da atualidade, tal qual Ogden, Winnicott, Bion, Green, Ferro, Roussillon, Eizirik, Rolland, Cassorla, etc., bem como nos relatórios e trabalhos científicos publicados por diversos psicanalistas.

Nesses últimos anos é interessante notar a quantidade de trabalhos científicos que tratam de impasses analíticos e de “erros” do analista. São escritos que versam sobre *enactments*, mudanças de enquadre, incompreensões, uso de recursos extra-analíticos, etc. Parece até que os enquadres e problemáticas neuróticas têm perdido espaço e interesse, como se fosse algo já ultrapassado e sabido. É como se chegasse a um momento em que o corpo teórico já é suficientemente adequado para o entendimento da psicodinâmica dos pacientes e do fenômeno analítico. O que se conjectura é que o interesse geral da comunidade analítica é o compartilhamento das várias maneiras de se trabalhar e lidar com os casos não neuróticos. Ou seja: com a técnica clínica.

Grande parte dos analistas que, no momento atual, milita na clínica, trabalha com um campo afetivo e faz o possível para que este facilite o surgimento das emoções, para que elas ocorram na dupla e no ato presente da sessão. Entendem a análise como relação entre duas pessoas, mas também acham importante manter a assimetria, pois sabem que é o analista quem se responsabiliza pela organização do trabalho. Este posicionamento guarda relações com as experiências aplicadas e teorizadas por Ferenczi e que estão descritas em “Prolongamentos da técnica ativa em psicanálise” (1920/2011), passando pela explicitação dos inconvenientes em “Contraindicações da técnica ativa” (1926/2011a) e melhor formulado em “Elasticidade

da técnica psicanalítica” (1928/2011a), culminando com a teorização da “análise mútua” realizada em seu “Diário clínico” (1984/1990)². É como se ele tivesse ousado certas ações e experiências, informado o que de acerto e erro teve em cada uma delas. Acompanhar seu raciocínio, em cada uma das descrições, pode trazer aprendizados que visam a melhorar a postura e o raciocínio clínico.

Conjecturando sobre a história da psicanálise, podemos inferir que houve um período em que se buscava a afirmação da nova ciência. Deve ter sido como se os casos clínicos em análise tivessem a função de confirmarem as construções teóricas. Ao proceder assim, o analista realizava a ideia de que estava fazendo algo “correto”, pois estava de acordo com os preceitos. Consequentemente, havia rigidez de postura, em clima persecutório de adequação ao ideal canonizado em figura próxima ao que se imaginava ser Freud.

Ao que parece, a institucionalização e as exigências de formação das novas gerações afastaram a psicanálise de sua origem como método terapêutico, para se lidar com o sofrimento psíquico. Ferenczi denuncia isso através do que chamou de “análise pedagógica”, muito mais explicativa do funcionamento mental e das relações, do que algo vivencial capaz de provocar mudança psíquica.

Pode-se afirmar que, desde então, a psicanálise se desenvolveu em dois caminhos paralelos: o primeiro representa a instituição e visa à formação e confirmação da própria psicanálise; um segundo com características mais terapêuticas, com flexibilidade do *setting* e experimentações. Fazendo um limitador exercício de classificação, é como se em um caminho temos Freud como patrono, e no outro Ferenczi.

Quando, em 1928, Ferenczi (1928/2011a) propõe a noção de “tato psicológico do analista” (p. 31), indicando o “sentir com” o paciente, ele reaviva o princípio ético da psicanálise como um método

² Embora a publicação desta obra só tenha se dado em 1984, foi escrita em 1932.

terapêutico. Ao mesmo tempo, é possível abstrair daí a postura afetiva e mental que o analista deve ter perante o paciente. Modifica a ideia de processo que apenas visa ao conhecimento, apontando para relacionamento que engendra a melhoria da condição de se estar vivo, em que o conhecimento é instrumento para isso.

Assim, ao se ouvir algum relato, ou experimentar algo afetivo no trabalho, o analista atual se imagina dentro da cena relatada, entrando na pele do paciente, buscando ser capaz de empatia e acolhimento. Pode experimentar e demonstrar interesse vivo e verdadeiro pelo paciente e pela sua história. É capaz de compartilhar a dor humana e se dispor a vivências afetivas o mais profundo que for capaz de suportar. Normalmente se permite entrar em contato íntimo com a estranheza e a ignorância de se ser humano. “Procuramos, é certo, colocar-nos no diapasão do doente, sentir com ele todos os seus caprichos, todos os seus humores, mas também nos atemos com firmeza, até o fim, à nossa posição ditada pela experiência analítica” (Ferenczi, 1928/2011b, p. 42). É assim que é possível se deixar usar psiquicamente pelo paciente, criando as condições para que surjam as vivências afetivas que não puderam ser experienciadas em sua história, ou por intrusão, ou negligência (Ferenczi, 1931/2011). Contudo, espera-se que se saiba que isso está acontecendo, pois não se deve abrir mão do rigor do método e da capacidade analítica.

O analista tem infinidade de experiências que são particulares. Contudo, uma vez evocadas durante a análise, elas são indicadoras de alguma comunicação inconsciente, podendo ser utilizadas para a compreensão do que ocorre, sem a necessidade de se referir a elas.

As ideias de Ferenczi, expressas no fundamental “Confusão de línguas entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão” (1933/2011), têm sido muito importantes para os psicoterapeutas e atendentes nos serviços públicos de saúde, bem como nas instituições de acolhimento e encaminhamento de vítimas de violências, conflitos sociais, abusos sexuais e todas as mazelas

decorrentes de situações traumáticas. A partir da formulação de Ferenczi de que o trauma psíquico se instala em dois tempos: um a partir do acontecimento que se torna excessivo para o psiquismo e num segundo tempo em que a “autoridade” nega o ocorrido, ele tem permitido aos profissionais destas áreas ajudarem as vítimas a construir narrativas que inserem o trauma na teia de significações simbólicas. Reconhecem, assim, a experiência como algo pesaroso e infeliz da vida, porém, ao validarem o ocorrido, diminuem a chance de se tornar potencialmente patológico.

Ideias com essa qualidade embasam os colegas que atendem nos serviços públicos a confirmarem o ocorrido e a construir, em nome da sociedade, a narrativa que muitas vezes é negada nas famílias. Por isso Ferenczi tem sido estudado e referenciado pelos profissionais que trabalham com psicoterapia e no que é chamado de “psicanálise aplicada” ou “clínica extensa”.

Os casos clínicos que, na atualidade são denominados de “não neuróticos”, eram os casos que Ferenczi trabalhava e que teorizou sobre. São demandas quotidianas de muitas análises, principalmente em ambientes diferentes das sociedades e institutos de formação. Muito mais do que referenciais teóricos para lidar na clínica psicanalítica atual, os analistas buscam conhecimento nas experimentações técnicas, para conduzirem tais tipos de análises. Os relatos sinceros, profundos e minuciosos, que ele legou, despertam interesses e debates para a abordagem de situações que não se enquadram na técnica standard.

Na atualidade, concebe-se também que os analistas são humanos comuns que têm corpo, e este interfere na análise. Também têm história e posicionamentos em relação às coisas do mundo. Mas no trabalho analítico são os pontos de vista do paciente que interessam. Ideia compartilhada com Winnicott (1955/1992):

O analista (como é bem sabido) mantém o julgamento moral

fora da relação, não tem qualquer desejo de introduzir detalhes de sua vida e ideias pessoais, não desejando tomar partido com relação aos sistemas persecutórios, mesmo quando esses aparecem sob a forma de situações reais compartilhadas, locais, políticas etc. Naturalmente, caso haja uma guerra, um terremoto, ou se o rei morre, o analista não fica indiferente. (p. 469)

O foco do trabalho é o paciente, seus afetos, sofrimentos, questões e história. Através das ideias expressas por Ferenczi (1909/2011) no texto “Transferência e introjeção”, é sabido que cada conteúdo do passado do paciente se expressa e se atualiza no contato afetivo com o analista, através do fenômeno da transferência, o qual ganha a conotação de qualidade psíquica mais ampla do que uma resistência entendida até então. A interpretação torna-se subordinada ao campo afetivo gerado na dupla. Diferentemente do que parece ter se tornado o processo analítico dos anos de 1920 e 1930, com ecos nas gerações posteriores, fazer a psicanálise, ou defendê-la, não é o objetivo do analista clínico durante sua prática. Ela é o instrumento que faz a mediação e auxilia no entendimento do que é vivido no trabalho. O objetivo é a análise do paciente.

Um analista contemporâneo não se coloca e também não incentiva ser visto como um ser que “sabe tudo”. Também não transforma a psicanálise em um conjunto teórico completo e acabado. Consequentemente, não a entende como método indiscutível que será aplicado ao paciente, independente da participação deste. Pelo contrário:

“Todas as nossas interpretações devem ter mais o caráter de uma proposição do que de asserção indiscutível, e isso não só para não irritar o paciente, mas também porque podemos efetivamente estar enganados” (Ferenczi, 1928/2011a, p. 36). Ou então o complemento: “A modéstia do analista, não é, portanto, uma atitude aprendida, mas

é a expressão da aceitação dos limites de nosso saber” (p. 36).

Atualmente há uma geração de psicanalistas que não necessita se filiar a nenhuma escola específica de psicanálise. No entanto, conhecem o suficiente cada uma delas, e assumem postura de respeito em relação aos mestres. Assim se permitem liberdade de transitar por vários autores, inclusive de outras ciências, da literatura, filosofia e da cultura em geral. Isso favorece e amplia os vértices de observação.

Ao se garantirem os fundamentos, amplia-se a responsabilidade sobre o *setting*, formulado mais como “enquadre interno”, ou “estado de espírito” do que por regras fixas e estereotipadas. Contudo, percebe-se que o *setting* tradicional é mais confortável e adequado ao trabalho. No entanto, estão cientes de que pode haver flexibilidade em função das verdadeiras necessidades do paciente. Mesmo assim, acham que é prudente trabalhar para que o *setting* seja mantido dentro de uma constância, evitando sobrecarregá-lo com mudanças da estrutura, ou do posicionamento afetivo do analista.

Na atualidade, é revelado através das produções teóricas dos analistas que muitos pacientes precisam ser ajudados a construir a noção de *setting* e do método. Para tanto, é preciso se dispor a acompanhar o paciente em sua realidade mental, pois isso também faz parte do método, sendo que a livre associação – ao invés de regra fundamental – em muitos casos, passa a ser a meta do trabalho. São ideias anunciadas por Ferenczi e que estão contidas nos conceitos de “neocatarse” e “relaxamento”, em que o analista cuida para que as condições impeditivas da livre associação sejam identificadas e interpretadas, para que o paciente se sinta livre para associar livremente (Ferenczi, 1930/2011).

Através da empatia e do “sentir com”, promove-se a captação intuitiva e racional, contando, inclusive, que o paciente também o faça. O analista sabe o método psicanalítico, mas o paciente sabe de si. Além de serem “duas crianças” tentando se acertarem, são sempre

“estrangeiros”, pois são desconhecidos que tentam se entenderem numa área de fronteira em que há grande multiplicidade de línguas.

Assim, espera-se que haja pensamento criativo por parte da dupla, pois grande dispêndio do trabalho visa a criar condições para que, através da regressão e do brincar, possa liberar os processos criativos e vitalizantes (Ferenczi, 1931/2011).

Sabe-se que além das “teorias fortes” que embasam a clínica e que estão consagradas no movimento psicanalítico, também são formuladas cotidianamente as “teorias fracas” que embasam a experiência específica no momento junto ao paciente (Rezze, 2010).

Observa-se e usa-se para conhecimento a postura corporal, bem como as expressões faciais e somáticas, até porque muitos pacientes da clínica contemporânea necessitam do trabalho face a face e do nível de simbolização e até mesmo a capacidade de conversar é precária.

O que se busca é uma crença vivencial no método analítico, desenvolvendo a “função analítica da personalidade”, pois mais do que saber sobre a psicanálise é fundamental sentir-se sendo um psicanalista. Ao se portar assim, diminui a distância entre um saber que se aplica para a realização de um ser que é. Diminui, também, a chance de criar ambiente favorável para a “hipocrisia profissional” (Ferenczi, 1984/1990), pois se está mais próximo de não se “confundir as várias línguas” (Ferenczi, 1933/2011) que aparecem nos vários níveis do trabalho com os pacientes.

Esse conjunto de ideias também serve de alerta para os institutos de formação de novos analistas. Há constante preocupação para não se formarem estudantes que se infantilizam em repetição decorativa dos conhecimentos que são transmitidos. Muito mais do que saber sobre psicanálise, buscam-se pessoas capazes de pensarem por si, fazendo uso do conhecimento das gerações precedentes como instrumento para o saber incorporado, porém próprio e criativo.

Essas observações indicam campo afetivo por parte do ana-

lista que denota o amor à verdade e à psicanálise, com sólido compromisso ético, tanto dos analistas quanto das instituições. Isso implica em maior exigência na formação e na prática clínica, pois é sabido que jamais se está totalmente pronto para este tipo de trabalho. Percebe-se e tira-se proveito de saber que analisar é também se analisar. Isso implica em exigência de reanálises com certa periodicidade. Afinal, como preconizou Ferenczi (1928/2011b): “uma boa técnica analítica é a análise terminada do analista” (p. 42), porém observa-se que uma análise, principalmente a de um psicanalista, jamais estará terminada.

Ferenczi se preocupava muito com a saúde do analista. Ele não aceitava que houvesse diferença entre uma análise pessoal e uma didática. Com este posicionamento, ele criticava as instituições de formação por realizarem “análises pedagógicas” nos futuros analistas. Estas críticas ainda fazem ecos até hoje nas preocupações dos institutos e sociedades.

Uma forma de conceber a psicanálise no formato que um analista atual pratica tem história e adequação. É o que se depreende do conjunto da obra de Ferenczi. Contudo, teve-se de desenvolver a concepção de ciência e de homem para alcançar o lugar em que Ferenczi já havia visitado intuitivamente. Dito de outra maneira, ele estava à frente de seu tempo e só agora, depois de ter sido assimilado o projeto de modernidade, e criado espaço para superar a ciência positivista, é que se têm condições de entendê-lo e se beneficiar de suas experiências e colaborações. A aproximação com o pensamento de Ferenczi serve de base para a inserção das ideias atuais da psicanálise em um contexto científico compartilhado por outras ciências e pela filosofia, demonstrando que sua obra pode servir como sustentadora da clínica psicanalítica no nosso tempo.

Ferenczi en nuestro tiempo

Resumen: el artículo pretende reavivar la importancia que tiene Ferenczi para la práctica psicoanalítica y, de manera especial, para lo que se denomina de contemporaneidad. Se levantan hipótesis al respecto del ostracismo a que fue sometida la obra de Ferenczi en el recorrido de la historia del movimiento psicoanalítico como también se señala el rescate que está sucediendo en la actualidad. Se mencionan los aportes del autor para permitir que surjan las “escuelas” de psicoanálisis, como también se muestra el pensamiento del autor que promueve la síntesis de esas escuelas por medio de la actitud analítica de cada uno de los psicoanalistas. Se realiza un estudio sistemático para detectar la manera con la cual trabaja un analista en los días de hoy y se recuperan los fundamentos que se remontan hasta los principios enunciados por Ferenczi.

Palabras clave: Ferenczi; técnica analítica; historia del psicoanálisis; contemporaneidad.

Ferenczi in our times

Abstract: the article aims at reviving Ferenczi’s importance to the psychoanalytic practice, especially in relation to what is named contemporaneity. Hypotheses are made about the ostracism to which Ferenczi was subjected throughout the history of the psychoanalytic movement, as well as the current rebirth of his ideas. This author’s contribution places him as the enabler of the emergence of the Psychoanalysis “schools”, as well as the representative of a way of thinking that promotes the synthesis for these schools by means of the analytical attitude of each psychoanalyst. A survey is carried out on the way an analyst seems to work at present, recovering the foundations that go back to Ferenczi’s formulations.

Keywords: Ferenczi; analytic technique; history of psychoanalysis; contemporaneity.

Referências

- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1984)
- Ferenczi, S. (2011). Transferência e introjeção. In *Obras completas: psicanálise I* (2a ed., pp. 97-124). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Ferenczi, S. (2011). A técnica psicanalítica. In *Obras completas: psicanálise II* (2a ed., pp. 407-420). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1918)
- Ferenczi, S. (2011). Prolongamentos da técnica ativa em psicanálise. In *Obras completas: psicanálise III* (2a ed., pp. 137-138). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1920)
- Ferenczi, S. (2011). Perspectivas da psicanálise. In *Obras completas: psicanálise III* (2a ed., pp. 243-260). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1923)
- Ferenczi, S. (2011a). Contraindicações da técnica ativa. In *Obras completas: psicanálise III* (2a ed., pp. 401-412). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926)
- Ferenczi, S. (2011b). Crítica do livro de Rank: técnica da psicanálise. In *Obras completas: psicanálise III* (2a ed., pp. 445-454). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926)
- Ferenczi, S. (2011a). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras completas: psicanálise IV* (2a ed., pp. 29-42). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (2011b). O problema do fim da análise. In *Obras completas: psicanálise III* (2a ed., pp. 17-28). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)
- Ferenczi, S. (2011). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Obras completas: psicanálise IV* (2a ed., pp. 61-78). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930)
- Ferenczi, S. (2011). Análise de crianças com adultos. In *Obras completas: psicanálise IV* (2a ed., pp. 79-95). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)

- Ferenczi, S. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão. In *Obras completas: psicanálise IV* (2a ed., pp. 111-121). WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1996). Sándor Ferenczi. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 22. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)* (pp. 221-225). Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2010). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Obras completas vol. 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*, *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* (pp. 147-162). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S., & Ferenczi, S. (1994). *Correspondência: Vol. 1. 1908-1911*. Imago.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud: Vol. 3. Última fase (1919-1939)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Rezze, C. J. (2010). O dia a dia de um psicanalista: teorias fracas: teorias fortes. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3), 127-144. <https://bit.ly/3qZKJAW>
- Winnicott, D. W. (1992). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico: 1954-1955. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (2a ed., pp. 459-481). Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1955)

Oswaldo Luís Barison

Endereço: Rua José Urias Fortes, 544. São José do Rio Preto/SP.

CEP: 15091-220

Tel.: (17) 3227-7864

E-mail: osvaldobarison@gmail.com